

Revista Mídia e Cotidiano
Artigo Seção Livre
Volume 11, Número 3, dezembro de 2017
Submetido em: 09/11/2017
Aprovado em: 25/11/2017

MEMÓRIA NO FACEBOOK: o caso Maria do Resguardo¹
MEMORY ON FACEBOOK: the Maria do Resguardo case

Letícia Cantarella MATHEUS²; Rafaella Prata RABELLO³

Resumo: O artigo analisa o papel que fotografias antigas de ambientes urbanos, atualmente consumidas em fanpages no Facebook, apresentam na construção de memórias coletivas nas cidades. A pesquisa se insere em uma perspectiva sobre novas formas de processamento social de memória em ambientes digitais, com enfoque nas dinâmicas das redes sociais. Para este estudo, foi selecionado um conjunto de interações que se deram entre os seguidores da fanpage “Maria do Resguardo”, dedicada à memória de Juiz de Fora (MG), em torno de uma única postagem em abril de 2016, que obteve mais de 24 mil visualizações. O post mostrava a fotografia de uma praça. Usou-se como método o conceito de dialogismo de Bakhtin para trabalhar as citações mútuas e antecipações discursivas, além de termos nos apoiado na etnografia voltada para meios digitais.

Palavras-Chave: memória; espaço; imagem; cidade; fotografia.

Abstract: The paper analyzes the role that old photographs of urban environments, currently consumed in fanpages on Facebook, presents in the construction of collective memories in the cities. The research regards to a perspective on new forms of social processing of memory in digital environments, focusing on the dynamics of social networks. For this study, it was selected a set of interactions amidst followers of "Maria do Resguardo", a fanpage dedicated to the memory of Juiz de Fora (MG), around a single post in April 2016 which obtained more than 24 thousand views. The post showed the picture of a square. It was used Bakhtin's concept of dialogism as a method to work on mutual citations and discursive anticipations, as well as on the ethnography of digital media.

Keywords: memory; space; image; city; photograph.

¹Versão revista após debate de artigo preliminar durante o XXVI Encontro Anual da Compós em São Paulo, entre os dias 06 e 09 de junho de 2017.

² Professora Adjunta da Faculdade de Comunicação Social (FCS) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), membro do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Uerj (PPGCOM-UERJ). Doutora em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense. / leticia_matheus@yahoo.com.br

³ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) / rafaella_prata@hotmail.com

Introdução

Depois de uma discussão por causa de um desacordo comercial sobre a encomenda de uma ode cantada no banquete do nobre Escopas, o poeta Simônides (556-468 A/C) foi chamado ao palácio, não para receber o pagamento que faltava, mas para fazer a identificação dos corpos desfigurados. O teto do palácio havia desabado, matando todos os convidados. Dono de uma memória bem treinada, devido à profissão de poeta, Simônides era capaz de lembrar com precisão o lugar onde cada convidado estivera sentado.

O clássico episódio lembrado por Yates (2014) se apresenta aqui como uma pista para a relação entre espaço e memória⁴ que se resolveria na imagem. Não se trata de uma preocupação com a organização das lembranças com finalidade de registro, como no caso dos poetas gregos, até porque não mais vivemos uma cultura oral primária (Ong, 2002). Embora a dimensão arquivística, como patrimônio cultural, seja considerada ao pensarmos a *fanpage* como um álbum de fotografias, enfatizamos o fenômeno como processo social, partindo, para isso, do conceito de memória coletiva de Halbwachs (1990) ao trazer a mediação pela imagem fotográfica. Por isso, ainda que o espaço não seja pensado aqui como instrumento deliberado usado dentro de uma técnica de memorização, acredita-se que ele é um elemento presente na produção de memórias coletivas.

Partindo da premissa que memória é trabalho social, recortaram-se três tipos de espaço que são disputados e também onde se dão essas disputas: a cidade de Juiz de Fora (MG), a imaginação sobre Juiz de Fora e uma *fanpage* no Facebook dedicada a Juiz de Fora. Para isso, a pesquisa explora a relação entre espaço urbano e processos de memória, por meio do estudo da *fanpage* “Maria do Resguardo”, ativa desde 2009. Há ainda variáveis conceituais acerca da imagem fotográfica, neste caso, especificamente, de fotografias antigas daquele município.

⁴ A primeira conexão deste tipo que vem à memória é Bergson (1990), porém, por uma série questões que devem ser feitas à sua imagem conceitual do cone de memória – tais como a ideia de “impressão” e de “recuperação” – e que é marcada por certo campo semântico que demandaria enormes problematizações, optamos por deixar este autor de lado.

A hipótese é que o consumo imagético da cidade, ou a leitura das imagens fotográficas da cidade, por meio da experiência do Facebook, acabaria funcionando como esse passeio virtual no espaço e no tempo, acionando lembranças e promovendo sociabilidades, e este estudo contribuiria para o entendimento dos atuais processos de memória no sistema comunicacional contemporâneo. O objetivo geral é compreender de que maneira as fotografias antigas publicadas naquela rede social acionam novos processos de memória, entendida aqui, mais uma vez, não exclusivamente como patrimônio ou arquivo, mas como um trabalho social.

De modo secundário, o que se procura é um conjunto de relações com o passado e com a imaginação sobre a cidade, que foram identificadas nessa *fanpage*, tendo a memória como seu principal conector, a partir das interações que se dão naquele ambiente. Para testar a hipótese e desenvolver o método, realizou-se um experimento piloto: foi selecionada uma publicação paga, a única em sete anos de funcionamento da página e que alcançou mais de 24 mil visualizações. O texto se divide em um argumento teórico inicial sobre memória e espaço, tendo a imagem como seu modo de acesso mútuo, seguido da descrição do objeto empírico em diálogo com pesquisas já desenvolvidas no tema e, finalmente, do desenvolvimento da análise desta postagem específica.

Memória e sistemas de comunicação

Mais do que uma metáfora do lugar onde “se guardam” as lembranças ou fisiologicamente das regiões do cérebro que as processam, o espaço funcionaria como um recurso de acionamento de memória individual e coletiva. No caso da memória individual, Yates (2014) aponta para a historicidade da organização das lembranças em lugares mentais que autores antigos, medievais e renascentistas praticavam. Tratar-se-ia de algo parecido ao “palácio de memória” como nas cenas do Sherlock Holmes da série da BBC (2010-2016), exibido aqui pela Netflix. No entanto, desconfia-se que a relação com os espaços físicos por nós habitados não possa ser descartada de antemão do debate sobre a memória. A própria metáfora arquitetônica, para falar de onde se “guardam” lembranças, já é em si significativa. Se, nas artes retóricas, as imagens mentais eram ancoradas ou impressas em mapas imaginados, por outro lado, não se pode afirmar que as pessoas não projetem lembranças sobre os lugares reais por onde passam, por

associação. Ao que parece, cada época histórica forja sua própria arquitetura de lembranças e esquecimentos, seu teatro de memória (Samuel, 2012), isto é, seus modos de organização de memória.

Yates (2014) não descarta que o poeta grego, assim como outros profissionais da memória mais tardios, pudesse eventualmente associar o que ele precisava lembrar a espaços físicos. Tanto é assim que ela cita o episódio do desmoronamento do palácio, não à toa usado como alegoria na lenda sobre o poeta. Yates chega a citar um amigo professor que tinha o hábito de se exhibir para os alunos, desenvolvendo técnica semelhante à de Simônides. Para isso, o professor associava os conceitos de que tinha que se recordar a objetos na sala: mesas, cadeiras etc. Mas como passar da função do espaço na geração de uma memória individual para a construção de memórias coletivas e qual o papel da cidade nesse processo? Nossa trilha está naquilo que é possível ser posto no espaço: a imagem.

Na Grécia Antiga, nem todo acervo cultural de conhecimento dependia do tipo de impressão visual praticada por Simônides. Na verdade, segundo Ong (2002) e Havelock (1996), naquele sistema comunicacional, o primado era o do ouvido, embora os autores admitam que os olhos também pudessem ajudar muito no processo mnemônico. Yates (2014), por exemplo, dá mais ênfase à imagem. Havelock (1996) descreveu outras técnicas consagradas no sistema de comunicação oral, como as fórmulas épicas, com a ferramenta auxiliar da *musiké*, que integrava recursos sonoros (o canto e o ritmo) e recursos visuais (a dança) no processo de memorização e rememoração, portanto, na preservação da cultura grega. Então, embora houvesse o auxílio da imagem do poeta dançando da frente de sua assistência, o primado era do ouvido, isto é, do tempo. Por outro lado, mesmo num sistema oral, o espaço ainda pode ser acionado na medida em que aquilo que é escutado pode ser processado em imagens mentais, isto é, em imaginação. Isso significa que o sistema comunicacional pré-escrita possuía certo arranjo entre tempo e espaço que ganharia em breve novas tecnologias.

Simônides viveu um tempo em que a Grécia, para atualizar memória, já não dependia exclusivamente da mente prodigiosa de seus poetas, que eram espécies de “secretários” misturados a “arquivos ambulantes”, uma vez que tinham decorado aquele patrimônio cultural (incluindo pragmaticamente informações administrativas e jurídicas). Já havia cerca de 200 anos que a tarefa de arquivamento de conhecimento era

exteriorizada, não exclusivamente em poemas épicos e na musiké, mas já podia ser operada a partir de um novo recurso visual (imagético): o alfabeto. Portanto, segundo a linha de raciocínio de Ong e Havelock, a espacialização da memória em signos gráficos teria alterado para sempre nossos processos sociais de memória, como nossa grande revolução tecnológica-comunicacional.

Apesar de ter sido antecedido por outras formas de tradução visual de um conhecimento, incluindo alguns códigos menos eficazes, o alfabeto grego, inventado por volta do ano 700 A/C, conferiu fluência à leitura e permitiu que um mesmo conteúdo pudesse ser compartilhado não-presencialmente com outro indivíduo, uma vez que os signos daquele código passaram a ser suficientemente padronizados e traduzíveis para a ordem fonética vernacular (no caso, helênica). O tipo de registro visual, portanto espacial, que se tinha até então eram os desenhos, pinturas, entalhes etc ou uma tentativa de codificação escrita que, segundo Havelock (1996), assemelhava-se muito mais ao trabalho de um estenógrafo ou aos rabiscos que fazemos hoje e que apenas nós mesmos, autores, conseguimos decifrar. Tratava-se de códigos restritos, invenções particulares de cada escriba. Portanto, poder-se-á pensar que o alfabeto grego foi uma forma fundamental no processo de exteriorização da memória para além do corpo, uma extensão, no sentido McLuhaniano, ou seja, para além, tanto do exercício imaginativo de um “palácio mental”, quanto de projeção associativa ao espaço físico circundante.

No entanto, Yates chama atenção para o fato de os gregos, por volta do século I AC e século I DC, já chamarem essa memória treinada, de poetas e de oradores pré-revolução escrita, precisamente de memória artificial. Também se pode questionar se a arte da memória não teria estado mesmo sempre a meio caminho entre ser “interior” e “exterior”, isto é, entre ser temporal (imagem mental e ilocutória, narrativa) e espacial (visual, imagem física), configurando-se em uma espécie de memória artificial, uma vez que ela também dependia tanto de um “teatro” mental, como de Sherlock Holmes na série, um palco imaginado, quanto também de um conjunto de associações possíveis com o espaço físico visível à nossa volta. Afinal, homens que viveram em um sistema exclusivamente oral já projetavam lembranças, sonhos e frustrações sobre seu meio ambiente, vinculando imaginação e espaço. Habitada por imagens mentais, a cidade talvez possa ser aqui conceitualmente reivindicada como ferramenta mnemônica exterior

ao corpo, envolvido em um ambiente sensorial que o auxilia nos processos cognitivos, ainda que a intenção possa não ser exatamente a de “organizar” as lembranças com uma função deliberadamente performativa ou de registro, como parte de uma tarefa profissional, tal qual os poetas gregos antigos faziam quando recorria às “artes da memória”.

Partindo dessas premissas, vindas das reflexões de Yates e Havelock, considera-se aqui que a espacialização da memória, isto é, sua organização visual (e, dialeticamente, a organização do espaço em função das memórias coletivas) se realiza através: 1) da imaginação, na projeção de imagens, conceitos e sensações sobre o espaço; 2) de signos visuais (codificados em forma de escrita); 3) de outras imagens urbanas, como a arquitetura, os monumentos, a topografia, vegetação, publicidade, placas com nomes das ruas etc; 4) de produtos imagéticos de modo geral, como iconografia, ilustrações, fotografia, produtos audiovisuais, ambientes virtuais etc. Essas diferentes formas de espacialização conferem materialidade à memória, numa relação dialética entre uma inscrição mnemônica no espaço (inclusive o urbano, como ruas, nomes, arquitetura, monumentos etc) e o uso desses marcos espaciais como recursos de processamento de memória.

Observa-se que a *fanpage* “Maria do Resguardo” se encaixa de algum modo nessas quatro categorias apontadas acima, o que indica a complexificação dos meios de comunicação digitais, capazes de acionar múltiplas competências cognitivas. Aquelas fotografias antigas apresentam um duplo eixo com a memória: o das próprias fotografias e o da cidade que elas retratam, com suas múltiplas camadas de tempo. Existe naquelas fotografias de Juiz de Fora uma imaginação projetada capaz inclusive de acionar lembranças sensoriais experimentadas por seus habitantes. Além de se tratar de fotografias, as *postagens* também contêm imagens de signos verbais, no caso, nas legendas e no diálogo que começa na publicação dos comentários, além do uso de sinais, como as “curtidas” e de outras imagens. Esses *posts* projetam na imaginação um conjunto arquitetônico que remete a Juiz de Fora, um grande “palácio de memória” a partir do qual os juizforanos mobilizam seus afetos. Por último, a materialidade da própria fotografia, sua sobrevivência, sua estética, composição, luz ângulo, enquadramento, coloração, etc, já são também um conjunto de informações. De modo que essa multiplicidade de

competências cognitivas requeridas no consumo e na interação com a *fanpage* (ou seja, na interpretação e apropriação) será importante para se pensar como o espaço urbano promove a atualização de memórias coletivas e é por elas atravessado. Porém, neste caso específico, mediada pelas imagens fotográficas postadas no Facebook.

Cada sistema de comunicação, com sua composição tecnológica própria,⁵ possui também seus próprios modelos de conhecimento a partir de certos processos de memória e de inteligência narrativa. No sistema de comunicação oral primário, conforme explicado acima (o da Antiguidade e de culturas autóctones isoladas), os processos de memória dependiam muito do corpo e de uma “estocagem” de conhecimento por meio da tecnologia dos poemas orais (embora também por meio de artefatos, objetos em geral, como modo de transmitir a cultura). Em termos de forma, os poemas orais adotavam estruturas formulares, muitas vezes com temporalidade cíclica, e sua memorização contava com o auxílio da melodia. Em termos de conteúdo, os poemas orais narravam ações de homens e de deuses em histórias fragmentadas. Segundo Havelock (1996), era baixo o nível de abstração e não havia a preocupação com a coerência entre as diferentes narrativas. Além disso, o que era contado devia ser visível no nível da imaginação, isto é, devia ser concreto, possível de ser traduzido em imagem, para, afinal, facilitar sua memorização. Portanto, as histórias deveriam ser convertidas em espaço, em uma interpolação permanente entre espaço e tempo, entre imagem e narrativa. Tudo era mimético e sensorial, isto é, tudo deveria ser representável, desde a performance oral até o conteúdo das narrativas, baseadas em ações dramáticas. Assim, imagens mentais (espaço) e narrativa (tempo) se ajudavam mutuamente enquanto processo de memorização. Depois do século VIII A/C, essas tecnologias orais de preservação de memória passaram a conviver e a ser cada vez mais integradas às novas formas escritas, que permitiriam não apenas a posterior invenção da prosa, como também um pensamento mais linear e abstrato. Assim, em um processo de longa duração, o concreto foi sendo substituído ou rearranjado com formas mentais abstratas, isto é, conceituais.

⁵ Sobre isso que estamos chamando de composição tecnológica, cf. Havelock (1996), McLuhan (1974) e o conceito de arranjo midiático de Pereira (2016).

Percebe-se aí que as relações entre memória, narrativa e espaço foram se complexificando enquanto elementos fundamentais nos processos comunicacionais e, conseqüentemente, nos modos de conhecimento em uma cultura. Então, que tipo de relação com a memória estaria sendo instaurada neste nosso sistema atual de oralidade secundária (Ong, 2002), com a nova cibercultura, e que tipo de processos mentais estariam em operação, por exemplo, em “Maria do Resguardo”? Quais as novas composições entre espaço e tempo, neste caso, entendidos como imagem e narrativa, na cultura contemporânea?

Arquivo afetivo de imagens

Derivada de um blog homônimo, "Maria do Resguardo" (MR) foi criada em 2009 pelo morador de Juiz de Fora Marcelo Lemos e contava com 7.590 curtidas até 11 de fevereiro de 2017. Tinham sido postadas 15 mil imagens até então. Esse tipo de página integra um fenômeno mais amplo de proliferação de *fanpages* dedicadas às cidades, em especial a fotografias antigas dessas cidades. O fenômeno, que ocorre em todas as capitais brasileiras e em inúmeros municípios, integraria também a lógica do consumo da nostalgia. Tratando de duas *fanpages* dedicadas ao Rio de Janeiro e à Fortaleza, Oliveira (2015) observa que elas acionavam sociabilidades em torno da construção de narrativas sobre o passado. Nos comentários, o autor encontrou aquilo que se imaginava sobre os tempos idos e como essa imaginação era governada pela lógica da nostalgia. Para ele, as fotografias antigas mobilizam afetos, que atravessam fluxos de pessoas e sentidos. Elas promovem a ilusão de um passado comum, exatamente ao serem compartilhadas no presente. Servem também como forma de apropriação do imaginário sobre a cidade, para além da história “oficial”, ao fazerem surgir narrativas de experiências pessoais, e, de fundo, a própria dinâmica da cidade.

O estudo sobre a nostalgia conta com linhas internacionais consolidadas, em especial ligadas aos Estudos Culturais e à História. No Brasil, a Comunicação vem trabalhando com o tema (Castellano & Meimaridis, 2017; Ferraz, 2017), mas este não é exatamente o enfoque deste artigo, embora concordemos com Oliveira (2015) que a sensibilidade nostálgica representa uma forma de relacionamento com o passado acionada por essas *fanpages*. Do ponto de vista deste objeto, além de Oliveira, encontramos o

trabalho pioneiro de Gauziski, Amaro e Gonçalves (2013), que também estabelece uma interface entre imagem e memória sobre a paisagem urbana, tratando especificamente da dispersão de fotografias de Augusto Malta em outra rede social, o Instagram. Outros autores também destacam a dimensão significativa das imagens a partir da sua materialidade, como presença do passado, em especial na relação entre memória e cidade (cf. Musse, 2012, 2013, 2014; Musse & Rabello, 2015, 2016; Rabello, Oliveira, 2014; Lisieux, Rabello, Musse, 2014; Rabello, Henriques, 2013).

Em entrevista para esta pesquisa, o administrador de MR, Marcelo Lemos, contou que foi dono de uma loja de CDs durante 20 anos no Centro. Para incrementar as vendas, resolveu migrar a loja para o ambiente virtual e depois fechou o endereço físico para ficar apenas com as vendas *online*. Enquanto trabalhava na antiga loja, fazia as postagens no blog e reunia colaboradores e simpatizantes da página, além de realizar as postagens e o tratamento das fotografias. Em agosto de 2014, recebeu da Prefeitura o prêmio “Amigo do Patrimônio” como reconhecimento pelo trabalho em favor do patrimônio cultural de Juiz de Fora. Na imagem de perfil e de capa da página existe uma foto da lápide de uma mulher, esposa de Lemos, porém seu nome não é Maria. A moldura da foto, segundo ele, é apenas uma brincadeira. A Maria também não é real, Marcelo gostou do nome e acha que a palavra “resguardo” remete a guardar coisas antigas.

FIGURA 1 - Foto de perfil/capa da página



FONTE - “Maria do Resguardo”, 10/11/2016

O gestor contou ter mantido o blog por ter a sensação de que esse tipo de suporte garante maior estabilidade do que uma rede social e por apostar na diversidade de recursos da Internet como um todo. Esse acervo seria um patrimônio digital, entendido aqui como aquele nascido da digitalização de rastros físicos.

Nesse caso, o patrimônio digital, assim como os patrimônios mais consolidados, sofre de acasos e fatalidades na sua preservação. Ao mesmo tempo em que sabemos que alguns acasos acabam por preservar patrimônios de pedra e cal, em outros casos, algumas fatalidades nos fazem perder parte de determinado patrimônio. Dessa maneira, acreditamos que uma das formas de preservação do patrimônio digital seja a da disseminação das informações em servidores diferentes. (HENRIQUES, 2014, p. 49)

A partir de MR, percebe-se a necessidade de armazenamento da memória em um suporte como uma rede social, que curiosamente, tal qual a memória, caracteriza-se pela atualização permanente. Mesmo com a crescente capacidade de armazenamento de memórias cibernéticas, as pessoas continuam apegadas aos arquivos físicos, associando as lembranças a certos tipos de referências materiais. Paradoxalmente, MR virtualiza antigas materialidades, ao mesmo tempo em que promove o culto desses objetos do passado.

MR faz parte de um fenômeno recente segundo o qual proliferam perfis dedicados à vida nas cidades, mas também especificamente à memória. (Cf. Gauziski, Amaro e Gonçalves, 2013) e que transmitem uma ideia de nostalgia. Oliveira (2015) conclui que os comentários nostálgicos em páginas do Facebook falam de uma valorização da experiência vivida e de construções arquetípicas sobre o espaço e o tempo condutoras de relações sacralizadas e monumentais com a memória e com as fotografias. Essas páginas promovem uma circulação de narrativas contagiadas por valores simbólicos, que carregam sentidos e relações com a cidade que possuem como lastro o afeto.

“Maria do Resguardo”

O alcance de um *post* no Facebook é contabilizado a partir da sua exibição nos *feeds* de notícias dos demais usuários. A publicação analisada aqui, do dia 11 de agosto de 2016, foi promovida com pagamento. As avaliações de desempenhos e medições da *fanpage*, disponíveis para os administradores, foram liberadas para consulta na elaboração deste artigo. A postagem escolhida teve 7.106 de alcance orgânico – que é o número total de pessoas que viram as publicações por meio de uma distribuição não paga, 17.834 de alcance pago, no total de 24.940 de pessoas que visualizaram a publicação.⁶

Para interpretação dos dados quantitativos e crítica qualitativa utilizamos a etnografia, método do século XIX e que Frago, Recuero e Amaral (2011) defendem como analogia ao trabalho do etnógrafo em ambiente digital. Após descrever a complexidade de acepções do termo, a terminologia “etnografia” é adotada também por Polivanov (2014) em vez de “netnografia” e a autora se justifica na aplicação dessa escolha, defendendo que concorda com o posicionamento com Frago, Recuero e Amaral que não haveria uma dicotomia entre os estudos de práticas e valores sociais construídos dentro e fora do ambiente digital. Por isso, adotamos aqui o termo etnografia. Compreendemos que a *fanpage* funciona como um lugar onde, assim como a cidade,

⁶ O recorde aconteceu em 16 de novembro de 2016, com 33 mil visualizações, mesmo sem pagamento.

produzem-se significados. Também temos em vista que a postura interpretativa faz parte da composição, aqui empreendida pelos comentários.

Entendendo essas experiências e dinâmicas sociais como teias de significado, a comunicação através da Internet se refere tanto aos modos como são realizadas as interações entre os atores sociais quanto aos próprios resultados de tais interações. Sobre o grau de participação do pesquisador, Fragoso, Recuero e Amaral (2011) apontam dois tipos extremos: o silencioso (*lurker*) e o *insider* – que está inserido no ou tem ligações próximas com o objeto de pesquisa. Estipulamos que a participação das pesquisadoras fosse do primeiro tipo, de observação e com intervenções mínimas no cotidiano da página.

Recuero (2009) afirma que nas redes sociais sempre há capital social gerado pelas apropriações coletivas. Se as pessoas repassam os conteúdos é porque algo ali chama a atenção. Assim, a rede se torna fundamental para os laços sociais, sua criação e manutenção. E, nessa rede, a memória individual dos sujeitos atravessa e é atravessada pelas memórias coletivas da cidade, o que fica claro nas postagens.

A maior parte das fotografias apresenta descrição detalhada: isso não é comum devido ao imediatismo das informações normalmente compartilhadas nas redes sociais. Ocasionalmente, alguma fotografia é publicada sem descrição completa e o gestor solicita auxílio aos membros da página para localizar o endereço, data e situação que descrevem aquela imagem. Lemos (2017) destacou que o levantamento das imagens demanda tempo e investigação. A participação dos usuários é essencial para a condensação de lembranças por meio dos comentários, já que a escolha de imagens é feita por ele.

As pessoas se interessam pela memória daqui porque estão fora, sentem saudades, isto completa elas. Um rapaz veio da Alemanha para me conhecer e foi lá na loja me conhecer. Veio no Brasil só para isso: ‘Rapaz, você me trouxe uma alegria!’ Os jovens não me procuram, só as pessoas de meia idade. Acho que as pessoas mais velhas tem dificuldade de acesso à internet. Os jovens acessam por curiosidade de saber o que tinha ali antes (LEMONS, 2017, entrevista).

A postagem utilizada para testar nossa hipótese não foi escolhida ao acaso. Trata-se, como dissemos, do único *post* que foi promovido pelo administrador e que obteve um dos maiores alcances da *fanpage*. Publicada em 11 de agosto de 2016, a fotografia que aparece é da Rua Halfeld, onde havia cafés, cinema, galerias, lojas e o Cine-Theatro Central, no ano de 1976. Ocupando quase a totalidade da imagem, um lago retangular

artificial em perspectiva, algumas pessoas sentadas de costas na borda esquerda, virada para a rua. A composição completa inclui algumas edificações do lado esquerdo e algumas árvores do lado direito. No canto superior, um pedaço de céu. Não é possível reconhecer as pessoas fotografadas.

O lago ficava na Praça Halfeld, nessa rua que é dividida em parte alta e baixa, sendo o trecho entre as avenidas Rio Branco e Getúlio Vargas, exclusivo para pedestres, conhecido como Calçadão. Nela, ainda se localiza o Parque Halfeld, com coreto, parque infantil e árvores centenárias, considerado importante ponto de passagem. Em 1854, a Câmara Municipal adquiriu o espaço do engenheiro Henrique Guilherme Fernando Halfeld. O local passou a se chamar Largo Municipal, mas as obras que dariam os ares de um verdadeiro parque começaram em 1879, ano da primeira reforma, quando foi ajardinado e em 1880, quando foi elaborado um projeto seguindo modelo de jardim inglês.

Foi reformado em 1906, quando de Largo Municipal seu nome mudou para Praça Coronel Halfeld. Novas mudanças na paisagem aconteceram durante as décadas de 1950 e 1960. A última ocorreu em 1981, quando o Parque Halfeld teve diversas árvores derrubadas e sua área de terra e areia substituída por novos passeios de pedra portuguesa. Os únicos elementos remanescentes do projeto do início do século XX são a ponte, o quiosque com estrutura imitando bambu, e o próprio lago, que atualmente possui uma estrutura bem menor do que apresentada na fotografia. Percebe-se, portanto, que o lago é um dos três elementos identificados pelos moradores como remanescentes de um passado remoto ou memorável para eles.

O Parque possui forte valor simbólico. Foi e permanece como ponto de encontro de manifestações, pessoas e eventos. Considerado o primeiro logradouro público de Juiz de Fora, encontra-se localizado entre quatro das principais ruas da cidade: Halfeld, Marechal Deodoro, Santo Antônio e Avenida Barão do Rio Branco. O local está rodeado de um conjunto arquitetônico de fundamental importância para o núcleo histórico local: a Câmara Municipal (inaugurada em 1878, vindo substituir a antiga Casa do Mercado), a Prefeitura, o Fórum Benjamim Colucci, a Igreja de São Sebastião e a Igreja Metodista Central. O Parque foi tombado pela Prefeitura em 29 de dezembro de 1989. Até hoje este é um dos pontos mais movimentados da cidade.

FIGURA 2 – Lago do Parque Halfeld



Maria do Resguardo: Parque Halfeld, lago, em 1976 (foto autoria provável: Roberto Dornellas ou Jorge Couri).

mariadoresguardo.com.br

FONTE - “Maria do Resguardo”, 11/08/2016

Os seguidores da página costumam relatar saudosismo e dificuldade em aceitar as transformações urbanas. Dependendo do debate, os seguidores escolhem se filiar a certos fundamentos históricos, nos quais ancoram seus argumentos. Apesar de a imagem do lago ser singular, a confrontação entre os muitos antes e os muitos depois se dá pelas narrativas dos comentadores, colocando em disputa os significados da imagem. Ela é interessante para compreender não apenas as disputas de memória sobre Juiz de Fora, como também para pensar os modos como a população imagina seu passado, o passado da cidade e sua iconografia.

A fotografia feita em plano geral permite ver que o local já abrigava a circulação de pedestres e também funcionava como lugar de encontro, interação e descanso nos bancos debaixo das árvores. Um lugar que pode ser considerado aprazível para uma caminhada, uma olhada nos jornais na banca de revista, um bate papo ou para simplesmente ficar sentado observando a natureza. O Parque Halfeld se parece com uma grande praça, de fundamental importância para entender a cidade. Trata-se de um local clássico em que se encontram homens idosos para jogar cartas, tabuleiro – principal

sociabilidade nesse espaço. Entre os principais grupos que frequentam o parque estão hippies, roqueiros, moradores de rua e crianças que brincam no parquinho de madeira. Também se monta uma feirinha de produtos do interior, onde são vendidos temperos, artesanatos e quitutes tradicionais de Minas, além de haver carrinhos de pipoca e um quiosque de sorvete.

Lembro-me deste lago, tinha uma cascata iluminada, que no inverno, quem esperava o ônibus naquele local, congelava de tanto frio devido ao vento provocado pelo movimento da água. Um abaixo assinado também foi feito para que a prefeitura não retirasse a pista de patinação deste local depois que esse lago tinha acabado. Eu assinei (LEMOS, blog “MR”, 12/08/2016).

Como várias fotografias são doadas ao arquivo da página, não se tem certeza de sua autoria. A legenda informa que podem ser dois reconhecidos fotógrafos da cidade do meio jornalístico: Roberto Dornelas ou Jorge Coury. A indefinição sobre a autoria e a possível indicação desses dois personagens mostram um esforço não apenas de rememoração, como também apontam para as disputas em torno das lembranças, com base no referencial histórico que moradores e “fãs” da cidade mobilizam. O fato de apontarem para esses dois mais do que possíveis, prováveis fotógrafos, mostra que há uma experiência comum em torno da cidade e de seus personagens, dentro de um sistema comunicacional próprio que, no cotidiano, vai construindo essas bases referenciais comuns entre os juizforanos.

Ao lado de filmes documentários e das atuais séries históricas, ainda que ficcionais, a explosão da imagem fotográfica cumpriu também o papel de promover uma sensação de intimidade com o passado. Em especial, essas imagens domésticas ou de paisagens urbanas produzidas por cidadãos comuns trazem ao presente a dimensão cotidiana passada (Samuel, 2012), como a ideia de presença acionada por Gauziski *et alli* (2013). Percebe-se inclusive certa forma de orgulho de quem as disponibiliza, como se fossem proprietário de parte do passado ou de parte da história de Juiz de Fora e também possuidor de uma lembrança de algo que já não existe – no caso, o lago.

Acontece o que Samuel (2012) descreve como uma confusão entre o realismo que esse tipo de fotografia de registro carrega com a ilusão da imediação do passado, como se ali este estivesse. De certa forma, pode-se dizer que essas imagens carregam certa

“aura” do passado, no sentido benjaminiano, uma vez que são uma inscrição, uma impressão concreta produzida pela luz do passado. Além da imagem que carregam, esses objetos são eles mesmos uma espécie de *memorabilia* do passado, compartilhada na rede social.

Do ponto de vista dos efeitos que essas imagens produzem no presente, pode-se sugerir que elas contribuem para gerar identificação, sobretudo pelo recurso do afeto. Segundo Candau (2001), a lealdade ao passado, marcado por âncoras identitárias, causa um efeito de naturalização de pertencimento a uma comunidade. Se por um lado, isso pode ser positivo, por outro, dificulta sua transformação, o que é bastante perceptível no caso da *fanpage*, uma vez que seus usuários costumam relatar saudosismo e certa dificuldade em aceitar as transformações urbanas. Dependendo do debate em questão, os usuários escolhem se filiar a certos fundamentos históricos, nos quais ancoram seus argumentos. “Há uma espécie de pedagogia acerca das origens, que deverá compor a identidade narrativa dos sujeitos e que assegure a estrutura identitária do grupo” (CANDAU, 2001, p. 98). A disputa pela origem e pelos acontecimentos balizadores que fundam o presente, como descreve Candau, são facilmente identificáveis nas narrativas em MR.

Segundo Samuel (2012), as fotografias possuem seu próprio poder narrativo. O modelo de configuração “antes/depois” é o modo mais eficaz de acentuar as diferenças do passado. Não por outra razão, esse padrão de apresentação de fotografias antigas (antes/depois), confrontando dois tempos e acentuando suas diferenças, é recorrente nesse tipo de *fanpage*. A confrontação entre os muitos antes e os muitos depois se dá justamente pelas narrativas dos comentadores e é interessante perceber as disputas de memória.

Observamos que, se a cidade está no centro dos processos de memória, ela reaparece nas redes sociais através de “sobrevivências” imagéticas, remanências, reaparições de formas e lugares mais antigos da cidade. Essa história *fantasmal*, de acordo com Didi-Huberman (2013, p. 35), implicaria o arquivo sendo considerado um vestígio material do rumor dos mortos: “as próprias imagens, nessa óptica de retorno de fantasmas, viriam a ser consideradas como aquilo que sobrevive de uma dinâmica e uma sedimentação antropológicas tornadas parciais, virtuais, por terem sido em larga medida, destruídas pelo tempo”; exigindo múltiplos olhares na análise desses restos: “entre

fantasma e sintoma, a ideia de sobrevivência seria, no campo das ciências históricas e antropológicas, uma expressão específica de rastro” (Didi-Huberman, 2013, p. 48). No Facebook, encontramos um conjunto de imagens que mesclam passado e presente e que favorecem uma ressignificação da memória da cidade pela visualização de imagens sobreviventes.

Sobre esse acervo digital na rede social, Silva (2008) defende que o álbum tradicional feito com fotos de papel não morreu. Ele persiste em formatos digitais alimentando a mais poderosa rede mundial de intercâmbios de cópias com as quais construímos a imagem de nós mesmos, agora diante de nossa família-mundo.

A função do álbum não seria mostrar nada novo, a não ser em casos excepcionais, mas conservar o que já foi visto, anunciado muitas vezes, até se tornar um rito de um ato reiterado. Sua interlocução visual é legítima porque cada foto me diz que o que se representa ali já passou, confirma-o pela foto seguinte e torna a me mostrar o mesmo rito em outras fotos, para confirmar que não há novidade possível. Assim, o tempo do álbum torna-se circular. (SILVA, 2008, p. 37)

Se por um lado esse processo de reconhecimento se dá por uma ideia de repetição, governada pela lógica de uma temporalidade cíclica que se daria nessa experiência do álbum de família, por outro lado, podemos afirmar que esse consumo se dá também pela diferença. No caso das fotografias antigas de cidades, isso ocorre ou implicitamente, pelo próprio processo hermenêutico, ou até mesmo como um recurso retórico explícito, quando se colocam duas fotografias uma ao lado da outra, segundo o modelo “antes/depois”, mencionado anteriormente. Ainda comparando “Maria do Resguardo” a um álbum público da cidade, Silva (2008) lembra que o álbum de fotografias é usado contra um suposto esquecimento, havendo inclusive o medo de que ele próprio acabe por se tornar ruína.⁷ Leite (2001, p. 153) concorda com essa visão e defende que a fotografia oferece ao sujeito a oportunidade de ele próprio se transformar em objeto-imagem, ou em uma série sucessiva de imagens, que mantém presentes momentos sucessivos da vida. Por

⁷ Sobre a inseparabilidade do esquecimento e da lembrança contidos na memória, cf. Weinrich (2001), Ricoeur (2007), Pollak (1989), entre outros.

outro lado, podemos pensar que se o álbum pode funcionar como uma narrativa fotográfica, ele justamente forjaria essa sequencialidade.

Esse foi o *post* como maior número de curtidas da história da *fanpage* (1,1 mil) e somente 30 reações “Amei”, 37 “Uau”, 3 pessoas ficaram tristes e apenas duas riram. O primeiro a comentar, ainda no dia 11 de agosto, foi o interagente A:⁸

lembro que era pista de roller, patins (sic)

Dia 12, usuária B:

Patinação? Não sabia. Estudei no Machado Sobrinho. Já era só pátio porque eu passava por dentro do parque! Mais uma informação sobre minha cidade, mais uma história para eu contar. Obrigada Maria do Resguardo! (sic)

No dia 15, o usuário C:

Me lembro muito bem desse lago, q a molecada fazia a festa, nadando em dias de calor, rrsrs,, (sic)

No dia 16, a usuária D:

Me lembro! Levávamos os barquinhos de corda ou com controle remoto para brincar! Os de controle remoto eram um luxo, super tecnológicos na época.

Usuária E:

Não lembro desse lago. Passava todos os dias aí.

Dia 22, usuário F:

Não me lembro desse lago,, lembro da Biblioteca!!!!!! (sic)

(MR, agosto/2016)

Em comum, esses comentários acionam o verbo “lembrar”. Essas pessoas estão realmente lembrando ou imaginando que lembram. Os comentários acima evidenciam conflitos de memória. A partir de referenciais pessoais, esses usuários, que parecem claramente moradores da cidade, entram em interação dialógica, no sentido bakhtiniano, numa tentativa de produção de uma coerência, fazendo exatamente o que Halbwachs (1990) descreve como sendo a relação entre a memória individual e a coletiva. Para o autor, as memórias coletivas são não o somatório das individuais, mas sua interseção. Nesse sentido, uma lembrança individual precisa se apoiar nas lembranças dos outros,

criando assim vínculo afetivo e identitário. “Mesmo individuais, nossas lembranças permanecem coletivas. Elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se

⁸ Interagentes aqui vem de Primo (2000). Optamos por não identificar os seguidores da *fanpage* por questões de privacidade, embora os *posts* de MR sejam públicos, pois a informação sobre a identidade dos personagens não interfere, neste momento, nos objetivos da análise. Posteriormente vamos realizar entrevistas com alguns deles.

trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos. É porque, em verdade, nunca estamos sós” (Id., *ibid*, p. 26). A confirmação ou refutação de uma lembrança dependerá da comunicação entre os indivíduos, portanto, uma memória coletiva será aquele conjunto de lembranças que um grupo social compartilha, seja a família, um grupo de amigos, moradores de um bairro, de uma cidade, uma nação etc.

Como se vê no diálogo acima, enquanto a interagente B sequer sabia que o lago já tinha sido uma pista de patinação (informação que ela soube pelo comentário de A), outros dizem lembrar perfeitamente do lago, confrontando dois usos diferentes do espaço urbano. Ao mesmo tempo, os últimos dizem ignorar esse passado do Parque. B agradece à personagem ficcional pela informação por ter sido enriquecida de histórias sobre sua cidade, que ela diz que vai dali em diante reproduzir. Ou seja, a própria *fanpage* passa a enriquecer a memória da cidade com novas narrativas. Essa interseção entre memórias individuais, definição central de Halbwachs, para a memória coletiva (que não é a soma das individuais), irá aparecer em outros comentários.

Dia 12, usuária G:

Gente o pior q nessa épica eu era frequentadora desse parque com o movimento hippie, como não me lembro!!!

Dia 16, usuária H:

Já joguei minha prima neste lago.

Dia 18, usuária I:

O laguinho q eu me lembro era menor, tinha uma estátua de dois meninos acho q estavam pescando. Sumiram, nunca mais os vi!!!! (sic)

Dia 20, usuária J:

Encontrava com meu esposo no parque que saudades!!! (sic)

(MR, agosto/2016)

A mescla de lembranças individuais na configuração de memória coletiva da cidade se exercita nesses esforços de recordação afetiva, em que os referenciais privados servem como marcadores da vida pública, como explica Halbwachs (1990), como se a cronologia privada apoiasse a pública e vice-versa. Para o autor, a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, posto que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo social. A origem das ideias, reflexões, sentimentos, paixões que atribuímos a nós são, na verdade, inspiradas pelo grupo. A disposição de Halbwachs acerca da memória individual refere-se à existência de uma “intuição sensível”.

Essa dimensão sensível pode ser observada nesses comentários, que incluem tanto expressões mais comedidas quanto outras mais longas, detalhadas e entusiasmadas. O curioso sobre MR, que diferencia a *fanpage* de outras, como pudemos observar, é que seus interagentes complementam bastante as informações. Eles são bastante participativos, inclusive porque remetem seus arquivos pessoais para o administrador publicar, criando um grande arquivo público. Enquanto é cada vez mais comum ver os usuários do Facebook se limitarem a chamar um amigo (*tag*) no *post*, em MR isso não acontece. Os comentários, mesmo que tímidos, são publicados, criando-se um ambiente de trocas. Por exemplo, no dia 12, K narra:

O “laguinho” foi construído na gestão do Prefeito Itamar Franco atendendo a um Abaixo Assinado assinado (feito em papel almaço) por alguns jovens que queriam praticar nautimodelismo com barquinhos a motor ou a vela e a cidade não tinha local apropriado. Poucas competições, de fato, aconteceram no local. (MR, agosto/2016)

Os detalhes da sua narrativa (o abaixo assinado em papel almaço) sugerem que o próprio K possa ter estado envolvido diretamente no acontecimento. Seu comentário confirma a informação de outros interagentes, como o comentário da usuária D relatado acima. O mais certo é que, antes de escrever seu próprio comentário, os usuários leiam não só os *posts* como os comentários anteriores, conforme o mecanismo dialógico proposto por Bakhtin (2009) acerca da antecipação do discurso do outro, da resposta ao outro, e da premissa de uma citação implícita no comentário. É preciso ressaltar que o conceito de dialogismo está sendo adotado aqui como recurso metodológico, buscando nele a parte que cabe para explicitar a presença do outro no próprio discurso, seja por incorporação, contestação, silenciamentos, seja por suposição das atitudes do outro ao montar suas estratégias discursivas. Por isso, em nenhuma hipótese dialogismo deve ser tomado aqui de modo simplista como sinônimo de diálogo, embora, para Bakhtin, este seja o modelo comunicacional primeiro. Ele extrapola a ideia de diálogo para uma condição fundamental do discurso. Com isso, ele defendeu que o enunciador não é, em última instância, a origem do discurso, como fonte autônoma ou tábula rasa, mas um sujeito socialmente posicionado. Deste modo, Bakhtin acentuava, assim como Halbwachs fazia com a memória, o caráter social do discurso. Para Bakhtin, a enunciação – no nosso caso, os comentários no *post* – contém dialeticamente uma parte de assimilação do

discurso do outro e ao mesmo tempo uma expectativa de reação. “Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados.” (BAKHTIN, 2003, p. 272). Toda enunciação possuiria uma intenção discursiva de acordo com a resposta que se espera ou que se quer provocar no outro. O mesmo se dá com a assimilação, pois existiria em todo discurso uma espécie de citação indireta do discurso de outrem (BAKHTIN, 2009). Esse mecanismo fica muito claro quando os seguidores da *fanpage* vão misturando suas lembranças com os comentários anteriores.

Conforme esse jogo dialógico vai se dando, e os interagentes vão compartilhando suas narrativas, parece haver uma tendência a uma espécie de acomodação temporária de memória. Se o próprio *post* já seria um enquadramento de memória (POLLAK, 1989), os comentários, na condição dialógica dos discursos, vão também enquadrando uns aos outros.

Dia 20, usuária L:
Meu Deus! Que saudade... crianças nadando, patinando e muito amor no coração.
(MR, agosto/2016)

Esta última interagente parece ter misturado vários tempos históricos, produzindo uma convergência geracional onde não havia, sempre governada pela lógica da nostalgia. Aquele espaço público não foi um lago e uma pista de patins simultaneamente, mas ela sintetizou esses diferentes tempos históricos a partir de uma expressão de afeto pelo local. A referência ao passado poderia se dar de diversos modos, mas acontece em tom de nostalgia, conforme outros comentários:

Dia 13, usuário M: Hoje é um lixo!
Dia 18, N: Impressionante como nossa cidade andou pra trás em todos os campos! Nasci em 79 e não pude conhecer a beleza que era o parque Halfeld. Sonho em vão algum dia poder passear por parques e praça tão bonitas como era essa nossa cidade.
Dia 23, O: Q pena q n tem mais (sic)
P: Uma grande recordação. JF já foi uma linda cidade.
Dia 24, Q: Lembro bem. Era tão bonito. Destruíram o Parque.
(MR, agosto, 2016)

Esses comentários acionam uma ideia de decadência, projetando ao passado um sentimento de melancolia, de saudosismo. São narrativas que apresentam a cidade de forma idealizada, desempenhando, na dinâmica comunicacional de Juiz de Fora, a função

de repensar o passado com um sentimento que pode ser oriundo da expectativa de uma vida em que o individualismo não predominava, que o ritmo do tempo era mais lento, que o Centro não era tão marcado pelo tumulto, violência e poluição.

Considerações finais

A primeira conclusão é que a própria MR se torna lugar de produção de memória coletiva por meio das interações que promove. Os indivíduos não lembram do mesmo modo, muito menos lembram das mesmas coisas. Ainda assim, são capazes de imaginar que experimentam algo em comum e que esse algo em comum os vincula conjuntamente ao tempo e ao espaço. Esse algo em comum seria uma memória coletiva. Diante de uma mesma imagem mediadora dos processos de memória, como a fotografia do Parque Halfeld, de 1976, as pessoas vão acionando seus recursos mnemônicos de modo a participarem daquela interação e, ao fazerem isso, vão formando uma memória coletiva da própria *fanpage*, isto é, daquele grupo que segue a *fanpage*. Assim, ela própria se torna um novo lugar de ancoragem de memória, para além dos espaços da cidade que foram fotografados.

A segunda conclusão foi na verdade a possibilidade de enxergar empiricamente a explicação de Halbwachs sobre a dinâmica entre as memórias individuais e as coletivas, sobretudo na questão da demarcação do território e na projeção da imaginação sobre o tempo – tanto para se construir o passado quanto para se construir o presente. Quando os interagentes demonstraram não terem vivido diretamente aquele tempo de 1976, acionaram memórias herdadas, aquele saber que foi incorporado ao seu próprio conhecimento por ouvir falar. Houve evidentemente um conjunto de incoerências entre os múltiplos relatos. Cada comentador contribuindo com uma lembrança específica – tendo eles de fato vivido aquilo ou tendo imaginado que viveram, o que, nos processos de memória, pouco importa, pois a memória, enquanto ação subjetiva, é permanentemente atualizada. Por isso, o espaço urbano pode tanto acionar ressignificações nesse gesto de atualização quanto servir eventualmente como recurso de estabilização – o que pode ser aceito como um esforço mas que, evidentemente, não se concretiza jamais, pois a memória é processo social.

Isso faz pensar que talvez o espaço urbano tenha a função de promover um efeito de estabilização de memória e, por isso, era usado por Simônides para o auxiliar a decorar um texto, embora, evidentemente, ele também seja dinâmico. A cidade forneceria então uma ilusão de estabilidade, graças à sua materialidade. Sempre que olhar para a Praça Halfed me lembrarei de tal coisa. Mas, nem a minha lembrança será a mesma, nem a Praça Halfed. Então, eu preciso me comunicar para permanentemente atualizar meus arquivos de memória e garantir um reconhecimento, um lugar, meu senso de pertencimento, minha bagagem cultural. Somente na interação com outras pessoas é que serei capaz de imaginar provisoriamente uma interseção entre nossas memórias individuais, um solo comum, ainda que não consensual, fruto de nosso engajamento na construção de nossas múltiplas memórias coletivas.

Referências bibliográficas

- BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. SP: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. SP: Hucitec, 2009.
- BENJAMIN, W. *Origem do drama barroco alemão*. SP: Editora Brasiliense S.A, 1984.
- BERGSON, H.. *Matéria e Memória – Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. SP: Martins Fontes, 1990.
- CANDAU, J. *Memória e Identidade*. SP: Contexto, 2011.
- CASTELLANO, M.; MEIMARIDIS, M.. **Produção televisiva e instrumentalização da nostalgia: o caso Netflix**. *Revista GEMInIS*, São Carlos, UFSCar, v. 8, n. 1, pp.60-86, jan. / abr. 2017.
- DIDI-HUBERMAN, G. **A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warbur**. RJ: Contraponto, 2013.
- FERRAZ, T.. **Activating Nostalgia: Cinemagoers? performances in Brazilian movie theatres reopening and protection cases**. *Medien & Zeit*, v. 4, p. 72-82, 2017.
- FRAGOSO, S.; RECUERO, R; AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre (RS): Sulina, 2011.
- GAUZISKI, D. AMARO, F. GANÇALVES, F. **Materialidade e memória do Rio de Janeiro nas fotografias de Augusto Malta e do projeto Rio 365**. *Revista GEMInIS*, v. 2, n. 2 Ano 4 (2013).
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. SP: Editora Revista dos Tribunais Ltda, 1990.
- HAVELOCK, E. A. **A Revolução da Escrita na Grécia Arcaica**. SP: Unesp, 1996.
- HENRIQUES, R. **Memória e virtualidade: as relações entre memória e internet**. Projeto de Doutorado em Memória Social. RJ: UNIRIO, 2012.
- LEITE, M. M.. **Retratos de Família**. Leitura da Fotografia Histórica. SP: Edusp, 2001.
- LEMONS, M. **Entrevista concedida para a pesquisa**. Juiz de Fora, 24 de janeiro de 2017.
- LISIEUX, D.O.; RABELLO, R.P. ; MUSSE, C. F.. **As redes sociais como lugar de memória no Brasil: o caso da Comissão Nacional da Verdade no Facebook. Comunicação ibero-americana: os desafios da Internacionalização**. Livro de Atas do II Congresso Mundial de Comunicação ibero-americana, v. 1, p. 55-63, 2014.

- MCLUHAN, M.. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. SP: Cultrix, 1974.
- MUSSE, C. F.; ARANTES, H.S.. **Telejornalismo e memória: narrando a cidade pelas histórias de vida**. *Triade: revista de Comunicação, Cultura e Mídia*, v. 1, p. 381-397, 2014.
- MUSSE, C. F.. **Telejornalismo e memória:narrando a cidade pelas histórias de vida**. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación Online*, v. 10, p. 87, 2013.
- MUSSE, C. F.. **Televisión, de la ciudad y la memoria: la configuración del espacio urbano de la narrativa audiovisual**. *Avatares comunicación cultural*, v. 1, p. 57, 2012.
- OLIVEIRA, T. M. de. **Memória e cidade sensível: Fortaleza e Rio em comentários no Facebook**. 2015. 173 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ, 2015.
- ONG, W. **Orality and Literacy**. USA/Canada: Routledge, 2002.
- PEREIRA, V.. **Compreendo os MEDIA – Mídias, entretenimento, design, informação e artes: as extensões da comunicação**. Goiânia (GO), *Compós*, 2016.
- POLIVANOV, B. **Dinâmicas identitárias em redes sociais: Estudo com participantes de cenas de música eletrônica no Facebook**. RJ: Multifoco, 2014.
- POLLAK, M.. **Memória, esquecimento, silêncio**. *Estudos Históricos*, RJ, v. 2, n.3, 1989.
- PRIMO, A. **Interação mútua e reativa: uma proposta de estudo**. *Revista da Famecos*, n. 12, p. 81-92, jun. 2000.
- RABELLO, R.P.; MUSSE, C.F. **La ciudad resignificada por la memoria: el blog y la fanpage ‘Maria do Resguardo’**. *Comunicación y médios*, v. 1, p. 73-88, 2016.
- RABELLO, R.P.; MUSSE, C.F.. **Facebook e o compartilhamento de memórias da cidade no coletivo digital**. *Triade: Comunicação, Cultura e Mídia*, v. 3, p. 26-44, 2015.
- RABELLO, R.P.; OLIVEIRA, D. L.; MUSSE, C.F.. **O caráter memorial das interações na fanpage 'Maria do Resguardo'**. *Revista Parágrafo*, v. 2, p. 133-148, 2014.
- RECUERO, R.. **Diga-me com quem falas e dir-te-ei quem és: a conversação mediada pelo computador e as redes sociais na internet**. *Revista da Famecos*, Vol. 1, No 38 (2009).
- RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Unicamp, 2007.
- SAMUEL, R.. **Theatres of Memory. Past and Presente in Contemporary Culture**. London/NY: Verso, 2012.
- SILVA, A. **Álbum de família: a imagem de nós mesmos**. SP: Editora Senac São Paulo, 2008.
- WEINRICH, H. **Lete, arte e Crítica do Esquecimento**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- YATES, F. **The Art of Memory**. London: Bodley Head, 2014.